

A EXPERIÊNCIA VIVIDA DO SOFRIMENTO PSÍQUICO NA NEGRITUDE: UMA LEITURA FENOMENOLÓGICA

Neilani Apolinário Cruz¹

Magali de Paula Silva Santana²

Alcione Januária Teixeira da Silveira³

Fernanda Pereira Bicalho⁴

psicomagalisantana@gmail.com

ÁREA DO CONHECIMENTO: Ciências Sociais

RESUMO

O presente artigo analisa a experiência vivida do sofrimento psíquico na negritude a partir de uma leitura fenomenológica, buscando compreender a saúde mental da população negra para além de explicações individualizantes ou estritamente biomédicas. Parte-se do entendimento de que o sofrimento psíquico é constituído nas relações com o mundo e atravessado por determinantes históricos, sociais e culturais, especialmente pelo racismo estrutural, pela colonialidade e pelas desigualdades raciais que marcam a sociedade brasileira. Por meio de uma revisão bibliográfica de natureza qualitativa, o estudo discute como o racismo se configura como um importante determinante social da saúde, produzindo impactos subjetivos profundos relacionados à exclusão, humilhação, silenciamento, sensação de não pertencimento e desgaste emocional contínuo. A análise evidencia que tais experiências não podem ser reduzidas a aspectos individuais, mas devem ser compreendidas como fenômenos intersubjetivos, inscritos em contextos históricos de opressão e resistência. Nesse sentido, a abordagem fenomenológica possibilita visibilizar as vivências singulares e coletivas da população negra, contribuindo para uma compreensão mais sensível e crítica da saúde mental, além de apontar para a necessidade de práticas de cuidado comprometidas com a equidade racial e a justiça social.

PALAVRAS-CHAVE: fenomenologia; negritude; sofrimento psíquico.

1 INTRODUÇÃO

Para Cordeiro e Rodrigues (2024) o sofrimento psíquico é um fenômeno complexo, multifatorial e profundamente situado nas condições históricas, sociais e

¹Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário Univértix.

²Psicóloga e Professora do Curso de Psicologia no Centro Universitário Univértix.

³Doutora e Mestre em Educação; Psicóloga e Professora no Centro Universitário Univértix.

⁴Mestre, Psicóloga.

culturais em que os sujeitos estão inseridos. No campo da saúde coletiva, o sofrimento não se reduz a aspectos intrapsíquicos, mas resulta do entrelaçamento entre experiências individuais e estruturas sociais, como desigualdade, violência e exclusão. Nessa perspectiva, o sofrimento psíquico deixa de ser visto apenas como uma desordem individual ou biológica, e passa a ser entendido como uma experiência vivida que emerge das relações com o mundo, sendo atravessado por marcadores sociais como raça, classe e gênero (Lima e Silva, 2025).

No caso da população negra, essa compreensão ganha ainda mais densidade, pois o sofrimento psíquico é produzido em um contexto historicamente marcado por escravização, colonialidade e desigualdades persistentes. O racismo, enquanto fenômeno social estruturante, atua diretamente na constituição das subjetividades, influenciando emoções, identidades e modos de existir. Assim, o sofrimento psíquico de pessoas negras não pode ser analisado de forma descontextualizada, uma vez que está intrinsecamente ligado às experiências de discriminação, exclusão e negação de direitos ao longo da história (Santos, 2018).

A invisibilização do sofrimento psíquico de pessoas negras é um fenômeno histórico que atravessa, tanto a produção científica, quanto as práticas clínicas. Durante muito tempo, a psicologia e a psiquiatria negligenciaram o impacto do racismo na saúde mental, privilegiando modelos universalizantes baseados em experiências brancas e europeias. Essa ausência de reconhecimento contribuiu para a construção de um “não lugar” das questões raciais no campo da saúde mental, dificultando a elaboração de práticas clínicas sensíveis às especificidades da população negra (Damasceno e Zanello, 2018).

A característica perversa do racismo reside em sua invisibilização, uma vez que se trata de algo que, socialmente, não é discutido da forma como deveria, e em muitos casos, não é amplamente reconhecido. Esse apagamento também se sustenta no mito da democracia racial, que naturaliza desigualdades e nega a existência do racismo no Brasil. Ainda assim, ele é vivenciado e percebido diariamente pela maior parte da população afrodescendente, que experiencia, sente e sofre os impactos

psicológicos decorrentes do racismo, os quais influenciam de maneira negativa a constituição da subjetividade (Santos, 2018).

As abordagens universalizantes na psicologia têm sido amplamente criticadas por pressuporem a existência de uma experiência humana homogênea, desconsiderando as particularidades históricas, culturais e sociais que constituem os sujeitos. Ao tratar fenômenos complexos como se fossem universais e invariáveis, essas abordagens acabam por invisibilizar experiências específicas, como aquelas atravessadas por raça, gênero e classe. Essa crítica é especialmente relevante quando se analisa a produção de conhecimento psicológico em contextos marcados por desigualdades, como o contexto brasileiro (Carneiro, 2013).

A psicologia tradicional, influenciada por matrizes europeias, tende a desconsiderar os contextos sociais e históricos, atuando a partir de modelos que não consideram a diversidade de experiências humanas, nesse sentido, a universalização de categorias psicológicas pode funcionar como um mecanismo de apagamento, ao impor padrões normativos que não correspondem à realidade de populações marginalizadas (Villela, 2025).

Diante das limitações das abordagens universalizantes e biomédicas, a fenomenologia surge como uma importante alternativa teórico-metodológica para a compreensão do sofrimento psíquico. Essa perspectiva enfatiza a experiência vivida como ponto de partida para a análise psicológica, buscando compreender como o sujeito significa seu sofrimento no contexto de sua existência concreta. Ao invés de reduzir o sofrimento a categorias abstratas, a fenomenologia propõe uma escuta atenta às singularidades da experiência (Delgado, 2025).

A principal hipótese para essa questão é de que o sofrimento psíquico vivenciado pela população negra não decorre apenas de fatores individuais ou intrapsíquicos, mas está profundamente relacionado às experiências históricas e cotidianas de racismo, exclusão social, violência simbólica e negação de reconhecimento, produzindo impactos diretos na constituição da subjetividade e na saúde mental dessa população (Silva, 2013).

O objetivo deste trabalho é analisar, à luz da fenomenologia, como a experiência vivida do sofrimento psíquico na negritude é atravessada pelo racismo estrutural, pelas desigualdades sociais e pelos processos históricos de invisibilização da população negra, discutindo de que maneira esses elementos influenciam a constituição subjetiva e os modos de existir de pessoas negras.

Trabalhos como este são importantes para ampliar a compreensão da saúde mental da população negra a partir de uma perspectiva crítica e contextualizada, contribuir para o enfrentamento do racismo nos campos da psicologia e da saúde coletiva, fortalecer práticas de cuidado mais sensíveis às experiências racializadas de sofrimento e fomentar a produção de conhecimento comprometida com a justiça social e a valorização das narrativas negras.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Na perspectiva de Viapiana, Gomes e Albuquerque (2018), a saúde mental não pode ser dissociada das condições concretas de vida e das relações sociais estabelecidas pelos indivíduos em seu cotidiano. Quando essa discussão é direcionada à população negra, torna-se evidente que os processos de sofrimento psíquico estão fortemente relacionados à história da escravidão, ao legado colonial e à permanência das desigualdades raciais na sociedade brasileira (Moreira; Costa; Santos, 2023).

Assim como destacou Moreira, Costa e Santos (2023), o racismo opera como um determinante social da saúde, produzindo barreiras de acesso a direitos, oportunidades e serviços, além de impactar diretamente o bem-estar físico, mental e social da população negra. O próprio Ministério da Saúde reconhece o racismo como um fator que contribui para o agravamento das condições de saúde e para a ampliação das vulnerabilidades sociais, configurando-se como um importante produtor de iniquidades em saúde (Brasil, 2024).

A Política Nacional de Saúde Integral da População Negra surgiu justamente a partir do reconhecimento de que as desigualdades raciais produzem efeitos concretos sobre os indicadores de saúde da população negra (Brasil, 2009). Nesse contexto, a

saúde mental da população negra deve ser compreendida para além dos diagnósticos psiquiátricos tradicionais, envolvendo experiências subjetivas relacionadas à exclusão, à violência simbólica, à negação de pertencimento social e à constante necessidade de enfrentamento do preconceito racial.

No Brasil, a persistência do mito da democracia racial contribuiu para a invisibilização das desigualdades raciais, dificultando o reconhecimento dos efeitos do racismo sobre a vida cotidiana da população negra (Nunes; Lehfeld; Netto, 2021). Embora frequentemente negado ou minimizado, o racismo manifesta-se em experiências recorrentes de discriminação, exclusão e estigmatização, que afetam diretamente a constituição das subjetividades negras (Faustino, 2017).

O contato frequente com situações discriminatórias exige dos indivíduos negros constantes estratégias de adaptação e resistência, resultando em desgaste emocional e sofrimento psíquico (Soares; Souza; Amaral, 2019). Estudos sobre os impactos psicossociais do racismo evidenciam que a experiência de discriminação racial está associada ao aumento de sintomas depressivos, ansiedade, sofrimento emocional e outros agravos relacionados à saúde mental (Muniz; Santos; Gonçalves, 2022).

Além disso, a invisibilização das experiências raciais nos espaços clínicos e acadêmicos contribui para a reprodução de práticas que desconsideram os efeitos do racismo na constituição subjetiva dos indivíduos. Durante décadas, a psicologia brasileira esteve fortemente influenciada por referenciais eurocêtricos, que universalizavam experiências humanas e negligenciavam as especificidades culturais e históricas de grupos racializados. Tal cenário contribuiu para a construção de modelos explicativos incapazes de compreender adequadamente as experiências de sofrimento vividas pela população negra (Cabral; Jácome; Souza, 2022).

Conforme argumenta Sueli Carneiro, os processos de produção do conhecimento no Brasil foram historicamente marcados pelo apagamento das vozes negras, reproduzindo perspectivas que naturalizam desigualdades e silenciam experiências de opressão racial, nesse sentido, compreender o sofrimento psíquico da população negra exige o reconhecimento das estruturas raciais que atravessam a experiência cotidiana e moldam as formas de existir no mundo (Siqueira, 2024).

Dessa forma, diante das limitações dos modelos biomédicos e universalizantes para compreender o sofrimento humano, a fenomenologia apresenta-se como uma importante alternativa teórico-metodológica, já que ela propõe o retorno à experiência vivida como ponto de partida para a produção do conhecimento, buscando compreender os fenômenos tal como eles se manifestam à consciência (Caixeta; Pegoraro; Goto, 2021).

Ao invés de explicar o sofrimento por meio de categorias previamente estabelecidas, a fenomenologia procura descrever a maneira como o sujeito vivencia e atribui sentido à sua existência, nessa perspectiva, a experiência humana é compreendida como uma relação dinâmica entre sujeito e mundo, em que corpo, cultura, história e contexto social constituem dimensões inseparáveis da existência (Caixeta; Pegoraro; Goto, 2021).

Entre os principais autores fenomenológicos, Merleau-Ponty destaca-se por compreender o corpo como condição fundamental da experiência. Para o autor, o indivíduo não apenas possui um corpo, mas existe corporalmente no mundo (Oliva, 2024). Essa concepção torna-se especialmente relevante para os estudos sobre raça, uma vez que o corpo negro é constantemente atravessado por significados sociais, históricos e políticos que influenciam a forma como o sujeito percebe a si mesmo e é percebido pelos outros (Caixeta; Pegoraro; Goto, 2021).

Aplicada ao estudo da negritude, a fenomenologia possibilita acessar as vivências concretas de pessoas negras diante do racismo, valorizando suas narrativas e significados produzidos a partir da experiência cotidiana. Essa perspectiva contribui para romper com leituras reducionistas do sofrimento psíquico, permitindo compreender como a discriminação racial é incorporada à experiência vivida e afeta a constituição da subjetividade.

3 METODOLOGIA

O presente artigo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa, uma vez que busca compreender que os fenômenos humanos e sociais não podem ser reduzidos a dados numéricos, exigindo uma abordagem interpretativa capaz de

apreender sentidos, experiências e significados produzidos historicamente pelos sujeitos. Segundo Minayo (1992), a pesquisa qualitativa preocupa-se com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, trabalhando com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes dos sujeitos. Para a autora, esse tipo de abordagem busca compreender fenômenos humanos e sociais em sua complexidade, considerando as experiências vividas e os contextos nos quais elas se desenvolvem.

A pesquisa foi realizada por meio do método de revisão bibliográfica, que consiste na análise e interpretação de produções científicas já publicadas sobre determinado tema, possibilitando a construção de um referencial teórico consistente para fundamentar a investigação. De acordo com Gil (2002), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em materiais já elaborados, como livros, artigos científicos, dissertações, teses e documentos acadêmicos, permitindo ao pesquisador conhecer, analisar e discutir as diferentes contribuições existentes acerca do objeto de estudo.

A busca foi realizada nas bases SciELO, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), PePSIC e Google Acadêmico, utilizando os descritores 'racismo', 'saúde mental', 'sofrimento psíquico', 'fenomenologia' e 'negritude', combinados pelo operador booleano AND. Foram incluídos artigos publicados em português entre 2013 e 2025 que abordassem a saúde mental da população negra sob perspectivas psicológicas, fenomenológicas ou da saúde coletiva.

Os estudos selecionados foram submetidos à leitura exploratória, leitura analítica e interpretação crítica, buscando identificar convergências entre os achados relacionados ao sofrimento psíquico da população negra e as contribuições da fenomenologia para sua compreensão.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com Alencar e Silva (2021), o sofrimento psíquico da população negra não pode ser compreendido como um fenômeno estritamente individual ou desvinculado das determinações históricas e sociais que organizam a vida no Brasil. Alguns de seus estudos demonstram que o racismo atua como uma experiência

cotidiana de violência, produzindo efeitos emocionais, identitários e existenciais que atravessam a constituição subjetiva de pessoas negras. Nessa direção, o sofrimento psíquico aparece relacionado não apenas a episódios explícitos de discriminação, mas também à exposição contínua a formas naturalizadas de exclusão, humilhação, silenciamento e deslegitimação de si (Alencar e Silva, 2021).

O Ministério da Saúde, ao reconhecer o racismo como determinante social da saúde, reforça que seus efeitos ultrapassam o campo das desigualdades materiais, repercutindo diretamente sobre o bem-estar físico, mental e social da população negra, o que sustenta a compreensão de que o adoecimento psíquico, nesse grupo, está profundamente imbricado com a experiência histórica da racialização e com a persistência das iniquidades raciais no acesso a direitos, cuidado e reconhecimento social (Brasil, 2024).

No plano psíquico, essa vivência reiterada pode produzir sentimentos de inferiorização, insegurança, vergonha, medo, não pertencimento e esgotamento emocional (Faustino, 2017). Em um estudo qualitativo fundamentado na fenomenologia, Santos e Costa (2023) identificaram que o racismo comparece na experiência narrada por pessoas negras como humilhação, silenciamento e sofrimento depressivo, revelando que o sofrimento não decorre apenas de um evento isolado, mas da repetição histórica de experiências que negam humanidade, dignidade e reconhecimento.

Sob a perspectiva fenomenológica, essas experiências não constituem apenas reações emocionais isoladas, mas modos de ser-no-mundo produzidos nas relações estabelecidas com o outro e com o contexto social. Para Merleau-Ponty (2021), a experiência humana é sempre vivida de forma encarnada, sendo o corpo o meio pelo qual o sujeito percebe, significa e se relaciona com o mundo. Assim, o sofrimento decorrente do racismo atravessa o corpo vivido, modifica a percepção de si e influencia a forma como a pessoa negra habita o mundo e constrói sua existência.

Em direção semelhante Mariosa *et al.*, (2024), ao discutirem os impactos psicossociais do racismo na saúde mental de mulheres negras, demonstram que a

discriminação racial produz marcas subjetivas importantes, associadas à sobrecarga emocional, ao sentimento de desvalor e à intensificação do sofrimento psíquico.

Em conjunto, esses estudos permitem compreender que o sofrimento psíquico da população negra não pode ser reduzido a manifestações clínicas individuais, mas constitui uma experiência produzida nas relações sociais marcadas pelo racismo estrutural. Assim, o sofrimento emerge como expressão existencial de processos contínuos de exclusão, invisibilização e negação de reconhecimento.

Outro resultado relevante diz respeito à permanência da invisibilização das questões raciais no interior da psicologia e dos serviços de saúde mental. Hilario (2023) argumenta que a relação entre psicologia e racismo não pode ser pensada como um problema externo ao campo psicológico, mas como parte de sua própria história de produção de saberes, uma vez que a psicologia moderna também foi atravessada por concepções racializantes e por parâmetros de normalidade ancorados na branquitude.

A fenomenologia permite compreender que o sofrimento não se constitui apenas no interior do indivíduo, mas emerge das relações intersubjetivas estabelecidas com o mundo. Quando experiências de discriminação são continuamente vivenciadas, elas passam a integrar o horizonte de sentido do sujeito, influenciando sua percepção de si, do outro e das possibilidades de existir. A intersubjetividade, nesse contexto, evidencia que o sofrimento psíquico é produzido no encontro entre o sujeito e uma realidade social marcada pelo racismo estrutural (Merleau-Ponty, 2021).

Na mesma direção Veiga (2019), assinala que a formação em psicologia no Brasil ainda negligencia epistemologias negras e oferece poucas ferramentas para o cuidado clínico de pessoas negras, o que favorece a reprodução de práticas incapazes de reconhecer o sofrimento produzido pelo racismo.

Caixeta, Pegoraro e Goto (2021), destacam que a fenomenologia, ao enfatizar o mundo vivido e a singularidade da experiência, amplia a compreensão dos fenômenos em saúde para além do modelo biomédico, permitindo reconhecer os sentidos existenciais do sofrimento.

Nessa perspectiva, a experiência do racismo pode ser compreendida como uma vivência pré-reflexiva, isto é, anterior à elaboração racional dos acontecimentos. Antes mesmo de interpretar intelectualmente determinadas situações, o sujeito experimenta, em seu corpo e em sua relação com o mundo, sentimentos de exclusão, insegurança e não pertencimento. A fenomenologia possibilita compreender essas experiências como modos de aparecer do mundo à consciência, permitindo acessar sentidos que frequentemente permanecem invisíveis em abordagens exclusivamente biomédicas ou diagnósticas (Merleau-Ponty, 2021).

A centralidade do corpo na fenomenologia de Merleau-Ponty oferece, nesse ponto, uma chave interpretativa importante para a leitura do sofrimento psíquico na negritude (Oliva, 2024). Se o corpo é a condição mesma de presença no mundo, então o corpo negro, em uma sociedade racializada, não é vivido de forma neutra: ele é constantemente interpelado por olhares, estigmas, suspeições e marcadores históricos que incidem sobre sua existência (Alves e Moreira, 2021). O sofrimento psíquico, nessa perspectiva, não pode ser pensado como um processo descolado da corporeidade, mas como uma experiência encarnada, na qual o corpo negro é também lugar de inscrição da violência racial.

Desse modo, a experiência vivida do sofrimento psíquico não decorre apenas da presença objetiva do racismo, mas da forma como essa realidade é percebida, incorporada e significada pelo sujeito em sua existência cotidiana. A constituição de sentido ocorre na relação dinâmica entre corpo, mundo e experiência, tornando impossível compreender o sofrimento psíquico da população negra sem considerar a dimensão existencial dessa vivência (Merleau-Ponty, 2021).

Os resultados da literatura analisada permitem sustentar que a discriminação racial repercute sobre a autoimagem, a autoestima, o sentimento de pertencimento e a liberdade de existir, configurando modos específicos de sofrimento que não são plenamente apreendidos por modelos clínicos universalizantes (Santos, 2024). Assim, a fenomenologia contribui para recolocar a subjetividade negra no centro da análise, valorizando a narrativa dos sujeitos e reconhecendo que compreender o sofrimento

psíquico da população negra exige escutar, em profundidade, os sentidos produzidos a partir da experiência cotidiana do racismo (Brito, 2023).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, este estudo permite compreender que a discussão sobre sofrimento psíquico na população negra exige não apenas aprofundamento teórico, mas também compromisso ético, político e institucional com a transformação das práticas de cuidado em saúde mental. Os achados analisados indicam que a invisibilização do racismo nos espaços clínicos, acadêmicos e institucionais ainda constitui um importante obstáculo para o reconhecimento das demandas da população negra, reproduzindo formas de cuidado insuficientes para lidar com sofrimentos produzidos por violências raciais.

Nesse cenário, torna-se fundamental fortalecer uma formação em psicologia comprometida com epistemologias críticas, com a educação antirracista e com a incorporação da questão racial como elemento constitutivo da escuta clínica e das práticas em saúde. Além disso, os resultados reforçam a relevância da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra e da formulação de estratégias específicas de promoção da equidade em saúde mental. Estas devem ser capazes de enfrentar o racismo institucional e ampliar o acesso da população negra a serviços de cuidado que reconheçam sua historicidade e suas formas próprias de sofrimento e resistência.

Existe também a necessidade de ampliação dos estudos qualitativos e fenomenológicos sobre saúde mental da população negra, sobretudo aqueles que privilegiem narrativas em primeira pessoa e investiguem os efeitos do racismo sobre o corpo vivido, a autoimagem, o pertencimento e a produção de sentido. Dessa forma, os achados desta revisão evidenciam que compreender a experiência vivida do sofrimento psíquico na negritude não significa apenas descrever um fenômeno subjetivo, mas reconhecer uma realidade histórica e social que continua produzindo dor, desigualdade e silenciamento, ao mesmo tempo em que convoca a psicologia e

a saúde coletiva a construírem formas de cuidado mais justas, contextualizadas e comprometidas com a dignidade da vida negra.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Ana Verônica de; SILVA, Edil Ferreira da. Revisão sistemática sobre trabalho, racismo e sofrimento psíquico no contexto brasileiro. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 41, n. spe2, p. e191716, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/DbmHzjrLvGbWfZ5ncbtYJTB/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 20 abr. 2026

ALVES, Érika Cristina Silva; MOREIRA, Wagner Wey. Corpo/corporeidade do negro. **Dialogia**, n. 38, p. e20450-e20450, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/20450>. Acesso em: 13 jun. 2026

BRASIL. Ministério da Saúde. **Saúde sem Racismo**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-sem-racismo>. Acesso em: 25 mar. 2026.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 992, de 13 de maio de 2009. Institui a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2009. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2009/prt0992_13_05_2009.html. Acesso em: 25 mar. 2026.

BRITO, Daniele Elisa Silva. **Fenomenologia do racismo no Brasil: uma analítica do corpo**. 2023. 68 f. Dissertação – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/handle/1/24198>. Acesso em: 13 jun. 2026

CABRAL, Camila Nóbrega; JÁCOME, Samara Gomes da Costa; SOUZA, Karina Veras de. As heranças coloniais na psicologia brasileira. **Revista UNI-RN**, v. 22, n. 1/2, p. 30-38, 2022. Disponível em: <https://revistas.unirn.edu.br/index.php/revistaunirn/article/view/816>. Acesso em: 08 abr. 2026.

CAIXETA, Luís Vicente; PEGORARO, Renata Fabiana; GOTO, Tommy Akira. Fenomenologia e Psicologia da Saúde: uma análise da produção acadêmica Brasileira. **PHENOMENOLOGICAL STUDIES-Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 27, n. 3, 2021. Disponível em: <https://revistaabordagemgestaltica.com.br/index.php/go/article/view/31>. Acesso em: 08 abr. 2026.

CARNEIRO, Nuno Santos. Contra a "violência de inexistir": psicologia crítica e diversidade humana. **Psicologia & Sociedade**, v. 25, p. 40-47, 2013. Disponível em: www.scielo.br/j/psoc/a/4KsCyBpcwVyNMKk5Z7RhrVS/?format=html&lang=pt. Acesso em: 18 mar. 2026

CORDEIRO, Lorraine Carla da Costa; RODRIGUES, Márcia Barros Ferreira. **Deixar de ser, para ter?** Impacto do neoliberalismo nas condições psíquicas: uma investigação sobre as pressões socioeconômicas contemporâneas e o sofrimento psíquico. In: Reunião Brasileira De Antropologia, 34., 2024, Brasil. Disponível em: abant.org.br/files/32rba_438_00003942_691594.pdf. Acesso em: 12 mar. 2026

DAMASCENO, Mariza Gonçalves; ZANELLO, Valeska. Saúde mental e racismo contra negros: produção bibliográfica brasileira dos últimos quinze anos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 38, n. 3, p. 450–464, jul./set. 2018. Disponível em: www.scielo.br/j/pcp/a/gPSLSxDcHDhDccZgpk3GNVG/?format=html&lang=pt. Acesso em: 18 mar. 2026

DELGADO, Paula. **O que é fenomenologia:** conceitos, autores e aplicações. Casa do Saber, 2025. Disponível em: <https://www.casadosaber.com.br/blog/o-que-e-fenomenologia-conceitos-autores-e-aplicacoes>. Acesso em: 13 jun. 2026.

FAUSTINO, Deivison Mendes. A universalização dos direitos e a promoção da equidade: o caso da saúde da população negra. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 22, p. 3831-3840, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csc/2017.v22n12/3831-3840/pt/>. Acesso em: 25 mar. 2026.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf. Acesso em: 14 jun. 2026.

HILARIO, Leomir. Psicologia, raça e sofrimento psíquico: Uma contribuição para a superação do racismo psicológico. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 16, n. Edição Especial, 2023. Disponível em: <https://abpn.emnuvens.com.br/site/article/view/1557>. Acesso em: 13 jun. 2026.

LIMA, Rachel Raiany de Souza; SILVA, Marcelo Oliveira da. Psicologia social e saúde mental: uma discussão psicossocial sobre o sofrimento psíquico. In: **Psicologia e saúde mental: perspectivas teóricas e práticas 2**. Ponta Grossa: Atena Editora, 2025. Disponível em: scholar.google.com/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=Psicologia+Social+e+sa%C3%BAde+mental%3A+uma+discuss%C3%A3o+psicossocial+sobre+o+sofrimento+ps%C3%ADquico&btnG=. Acesso em: 12 mar. 2026

MARIOSIA, Gilmara Santos; RONZANI, Liz Gomes; OLIVEIRA, Lucas Mendonça; MAIA; Fernando Machado Sobrinho. Impactos Psicossociais do Racismo na Saúde Mental de Mulheres Negras. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 15, n. 43, 2024. Disponível em: <https://abpn.emnuvens.com.br/site/article/view/1609>. Acesso em: 13 jun. 2026.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. In: **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 1992. p. 269-269. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/porta1/resource/pt/biblio-1344574>. Acesso em: 13 jun. 2026.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2021.

MOREIRA, Nádia Meireles; DA COSTA, Ilene Izídio; DOS SANTOS, Josenaide Engracia. Promoção em Saúde Mental da População Negra Brasileira, um Levantamento Bibliográfico. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 23, n. 2, p. 667-688, 2023. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revispsi/article/view/77704>. Acesso em: 25 mar. 2026.

MUNIZ, Edna; SANTOS, Shirley; GONÇALVES, Juliana (colab.). **Impacto do racismo na saúde mental de crianças e adolescentes negros**. São Paulo: CEERT – Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades, 2022. Disponível em: https://media.ceert.org.br/porta1-4/pdf/pdf_publicacoes/20221116181141637527dd81e67-impacto_do_racismo.pdf. Acesso em: 08 abr. 2026.

NUNES, Danilo Henrique; LEHFELD, Lucas Souza; NETTO, Carlos Eduardo Montes. A desconstrução do mito da democracia racial e o racismo estrutural no Brasil: educação e transformação social. **Revista do Direito**, n. 63, p. 79-104, 2021. Disponível em: <https://seer.unisc.br/index.php/direito/article/view/15760>. Acesso em: 25 mar. 2026.

OLIVA, Rubiane Severo. **A corporeidade como fenômeno, sentido e expressão do corpo**. 2024. Tese (Doutorado em Educação), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2024. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/11255>. Acesso em: 20 abr. 2026.

SANTOS, Joane Bispo Gomes dos *et al.* “**Eu sinto na pele**”: uma análise da discriminação percebida, identidade racial, autoestima e autoimagem corporal de adolescentes negras. 2024. Disponível em: <https://dspace.sti.ufcg.edu.br/handle/riufcg/42475>. Acesso em: 13 jun. 2026.

SANTOS, Josenaide Engracia dos; COSTA, Ilene Izidio da. Vida contada, vida vivida: racismo e sofrimento psíquico. **Serviço Social & Sociedade**, v. 146, n. 2, p.

e6628328, 2023. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/enfermeria/resource/pt/biblio-1522994>. Acesso em: 20 abr. 2026.

SANTOS, Juciara Alves dos. Sofrimento psíquico gerado pelas atrocidades do racismo. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 10, n. 24, p. 148–165, nov. 2017–fev. 2018. Disponível em: scholar.google.com/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=Psicologia+Social+e+sa%C3%BAde+mental%3A+uma+discuss%C3%A3o+psicossocial+sobre+o+sofrimento+ps%C3%ADquico&btnG=. Acesso em: 12 mar. 2026.

SIQUEIRA, Vinicius. **O epistemicídio negro – Sueli Carneiro**. Colunas Tortas, 3 dez. 2024. Disponível em: <https://colunastortas.com.br/o-epistemicidio-negro-sueli-carneiro/>. Acesso em: 08 abr. 2026.

SILVA, Camilla Veras Pessoa da. **Psicologia Latino-Americana: desafios e possibilidades**. Psicologia: Ciência e Profissão, Brasília, v. 33, n. esp., p. 32–41, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/Tm46SRtz6SVcpM7TnYBwydp/?lang=pt>. Acesso em: 20 abr. 2026

SOARES, Luísa Arcoverde Bezerra; SOUZA, Carmen Lucia Melo de; AMARAL, Lucas Alves. Racismo e sofrimento psíquico: desafios e perspectivas na atuação de psicólogos (as) negros (as). **Programa de Iniciação Científica-PIC/UniCEUB-Relatórios de Pesquisa**, 2019. Disponível em: <https://www.cienciasaude.uniceub.br/pic/article/view/7514>. Acesso em: 25 mar. 2026.

VEIGA, Lucas Motta. Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 31, p. 244-248, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/NTf4hsLfg85J6s5kYw93GkF/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 13 jun. 2026.

VIAPIANA, Vitória Nassar; GOMES, Rogério Miranda; ALBUQUERQUE, Guilherme Souza Cavalcanti de. Adoecimento psíquico na sociedade contemporânea: notas conceituais da teoria da determinação social do processo saúde-doença. **Saúde em debate**, v. 42, p. 175-186, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/sdeb/2018.v42nspe4/175-186/>. Acesso em: 18 mar. 2026.

VILLELA, Renata Nicizak. **Formação em Psicologia no Brasil e compromisso social: uma análise à luz da teoria das representações sociais**. 2025. Tese (Doutorado em Educação: Psicologia da Educação) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2025. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/handle/handle/45510>. Acesso em: 13 jun. 2026.